



LER, VER E OUVIR Bravo!

SHOW



A via-crúcis de Nick Cave

O CANTOR AUSTRALIANO APRESENTA A TURNÊ SKELETON TREE NO FESTIVAL POPLOAD GIG, NO ESPAÇO DAS AMÉRICAS, EM SÃO PAULO

Uma missa negra de fúria gótica, desabamento e autoflagelação parecem enrodilhar o público quando Nick Cave abre seu show cantando

Jesus Alone e declamando versos de advertência como se fosse um pregador do Apocalipse: “Você caiu do céu/pousou forçado num campo/perto do Rio Adur/

Após 29 anos, o cantor e compositor australiano volta a se apresentar com banda no Brasil

flores da primavera do chão/cordeiros explodem do ventre de suas mães”.

Aos 61 anos, o cantor australiano esgrime esses versos como se acariciasse espinhos. *Jesus Alone* foi feita após a morte de seu filho de 15 anos, Arthur, que caiu de uma colina, em 2015. O Rio Adur de que fala a letra fica na região onde o filho caiu. Os versos expressam essa correspondência dolorosa: no ano seguinte ao acidente, ele gravou *Skeleton Tree*, o disco que contém essa música (16º álbum com a banda The Bad Seeds). Nick Cave é íntimo da música dos territórios sombrios, mas a escuridão o tem fustigado mais implacavelmente: no mês passado, perdeu um grande amigo, o músico Conway Savage, pianista do Bad Seeds, morto de um tumor no cérebro, aos 58 anos.

Assim, esta passagem de Nicholas Edward Cave por São Paulo (onde viveu entre 1990 e 1993), no dia 14 de outubro, no festival Popload Gig, é marcada por essa nova via-crúcis pessoal, encarnada na turnê de *Skeleton Tree*. As desventuras

“Narciso se inclinou para beijar os adoráveis lábios (...), e descobriu que estava beijando apenas água fria.”

STEPHEN FRY

(EM MYTHOS, MINOTAURO/PLANETA)

adicionam ainda mais tensão à grave intensidade da voz de Cave, provavelmente o único cantor vivo no mundo a carregar consigo aquela guturalidade religiosa de Johnny Cash, a prestar tributo ao senso poético das visões de William Blake, a se dedicar a uma cacofonia musical cheia de maldições e redenções. O niilismo de suas canções é parte da grandeza da música, que não se prestam exatamente à condição de *hits* (sim, algumas são mais conhecidas, como *Red Right Hand* e *Stagger Lee*, ambas no repertório do show). Nascido na minúscula cidade australiana de Warracknabeal, de 2,4 mil habitantes, Cave é um raro e rigoroso poeta da canção, um daqueles da estirpe de Leonard Cohen ou Lou Reed. É mais esquisitão que todos, mas dizem que é apenas timidez. Já bebeu nos bares de Vila Madalena e abraçou estranhos na rua. “Me sinto como se eu estivesse sendo entrevistado por um vendedor de carros de segunda mão de um filme de John Waters”, disse o jornalista inglês Simon Hattenstone ao encará-lo. É bom ter a chance de vê-lo de novo após quase 30 anos: a última apresentação dele por aqui com a banda foi em 1989. - Jotabé Medeiros



Bravo! P ALC OS

ENCONTRO

De 9 a 12 de outubro, lideranças indígenas como Sonia Guajajara, Ailton Krenak e **Jaider Esbell** (foto) reúnem-se com artistas e acadêmicos, no **Sesc Pompeia**, para discutir a arte como forma de resistência. Nos dias 9 e 16 de outubro, será apresentada a peça *Gavião de Duas Cabeças*.



FESTIVAL

O **Festival Contemporâneo de Dança de São Paulo**, de 12 a 29 de outubro, investiga o corpo como peça de resistência em tempos sombrios. Artistas da França, Síria, Croácia, Portugal e Brasil fazem 18 apresentações no **Sesc 24 de Maio** e no **CCBB**, em São Paulo.



LIVRO



AS 16 LIÇÕES E MAIS UMA

FUNDADOR DO PSB, ROBERTO AMARAL ELEGE TEMPO PROPÍCIO PARA DESVENDER O PAPEL QUE A PROPAGANDA EXERCE SOBRE A POLÍTICA

O escritor e cientista político Roberto Amaral pertence ao campo progressista. Fundou o Partido Socialista Brasileiro. Foi, entre 2003 e 2004, ministro da Ciência e Tecnologia do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. É colunista do site de *CartaCapital*. Semanalmente, brinda o leitor com textos críticos sobre as principais questões do País. Está na política desde os anos 1960, quando dirigiu a União Nacional dos Estudantes. Essas rápidas credenciais o qualificariam como autor privilegiado sobre as disputas eleitorais, mas Amaral faz mais do que isso em *Eleições & Propaganda*, um livro-aula cujo subtítulo diz a que veio: *Como Funcionam em 16 Lições e Mais Uma*.

O objetivo de Amaral é desvendar o papel que a propaganda exerce sobre

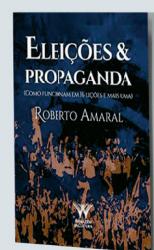
a política, mas, ao contrário de outras obras do gênero, o autor não vai buscar apenas teorias ou teóricos clássicos para exemplificar suas lições. Prefere, acertadamente, pontuar sua fala a partir da realidade brasileira, sobretudo a mais recente. As manifestações de rua à direita e à esquerda dos últimos anos, a Operação Lava Jato, o *impeachment* de Dilma Rousseff, todas essas variáveis mudaram a cena política nacional. E esses erros e acertos precisam ser levados em conta pelos marqueteiros, com exemplos que o autor vai buscar de Getúlio Vargas a Lula, de

Ex-dirigente da UNE, Amaral aconselha candidatos a não transformar adversários em inimigos

Juscelino Kubitschek a Jânio Quadros, de Paulo Maluf a Geraldo Alckmin.

Com ênfase na propaganda eleitoral, o livro de Amaral dá dicas, à Sun Tzu, em *A Arte da Guerra*, de como os candidatos devem se comportar nas disputas. Sugere, entre as 16 lições, que eles primem pela simplicidade do discurso, tenham perfeita identificação com os valores e aspirações do povo, falem diretamente aos corações das massas, evitem a repetição das campanhas e sejam capazes de mobilizar os militantes e conhecer os adversários.

Na penúltima e, provavelmente, mais arguta lição, Amaral revela um sentimento que parte da classe política e os eleitores gostariam que prevalecesse, o de campanhas que não sejam tão submissas ao mundo da propaganda. “Considero erro grave aceitar a ideia de que um bom marqueteiro elege um mau candidato. Aliás, um marqueteiro não elege ninguém, embora possa derrotar um bom candidato, ou pelo menos adiar sua eleição”, escreve. Os marqueteiros de Dilma e Fernando Collor, acrescenta Amaral, transformaram os adversários vencidos em inimigos ferrenhos de seus governos. “A melhor estratégia de guerra é aquela que busca a vitória com o mínimo de luta.” A história brasileira complementa essa aula. - Eduardo Nunomura



**ELEIÇÕES &
PROPAGANDA**

De Roberto Amaral.
Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018. 20 reais.

WANEZZA SOARES, ALLAN BRAVO, LAMBERT, CLARISSA NÓBREGA, NACHO CORREA, CLARISSE LAMBERT, MANU COSTA, JONATHAN NOBRE, BEL MEDEIROS



DANÇA

Em 10 e 11 de outubro, a **Cia Pé no Mundo** estreia Arquivo Negro - Passos Largos em Caminhos Estreitos, no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo. Obra inspirada em personalidades negras, como Carolina Maria de Jesus, Luiz Gama, João Cândido, Zumbi dos Palmares e Abdias do Nascimento.



SHOW

O **Espaço Cultural Porto Seguro**, em São Paulo, tem programação especial para 12 de outubro, o Dia das Crianças. Diversas atividades e shows das bandas Trii e **Estralô**. Esta última homenageia grandes compositores da música brasileira em um espetáculo cênico.



CD

A banda **Barbatuques**, que faz dos corpos instrumentos, lança o segundo CD, Sô +1 Pouquinho. Apresentações no **Sesc Belenzinho**, aos sábados e domingos, até 27 de outubro.



TEATRO

5 ANOS EM 5 SEGUNDOS

Hotel Mariana. De Munir Pedrosa e Herbert Bianchi. Na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, às 19 horas, dias 8, 15, 22 e 29 de outubro. Grátis.

A peça *Hotel Mariana*, que estreou no ano passado, volta para uma rápida temporada no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Em novembro de 2015, poucos dias após o rompimento da Barragem de Fundão, em Bento Rodrigues (MG), Pedrosa visitou o local e colheu depoimentos de sobreviventes. Produziu, provavelmente, um dos melhores registros documentais do



mais grave acidente ambiental do País.

No palco, dez atores reproduzem, tal e qual, as falas dos sobreviventes, utilizando a técnica do verbatim. A maioria permanece sentada, elevando a potência de falas, pequenos gestos das mãos e expressões faciais. O que interessa ali é reproduzir os depoimentos que estão sendo escutados por fones de ouvido. Originário do século XX, o

chamado teatro documentário transforma o material "real" numa representação ou cópia, impondo aos artistas o desafio de fazer com que esse processo de criação e rememoração se torne envolvente e compreensível.

Três anos se passaram e a mineradora Samarco, joint-venture das multinacionais Vale do Rio Doce e da BHP Billiton, parece lirvar-se de sua grande responsabilidade. Os depoimentos encenados em *Hotel Mariana* já sinalizavam, no calor dos acontecimentos, que isso poderia acontecer. O palco que reconstrói politicamente a memória social de uma tragédia sem precedentes não abala o patrimônio das empresas, mas tem o poder de conscientizar os cidadãos. -EN

SESSÃO VITRINE PETROBRAS E TERRATREME APRESENTAM
COPRODUÇÃO: DESVIA | OII | UMA PEDRA NO SAPATO



D.JON ÁFRICA

DIRIGIDO POR FILIPA REIS E JOÃO MILLER GUERRA

OFFICIAL SELECTION
INTERNATIONAL
FILM FESTIVAL
ROTTERDAM
2018

II DE OUTUBRO NOS CINEMAS

INGRESSOS ATÉ R\$12 (INTEIRA) R\$6 (MEIA)

APOIO



DISTRIBUIÇÃO



PATROCÍNIO DE DISTRIBUIÇÃO





Bravo!

EXPOSIÇÃO

SEM O CHEIRO DO LIVRO

A Biblioteca à Noite.

No Sesc Avenida Paulista. Até 10 de fevereiro. Reserva online em sescsp.org.br/avenidapaulista

A exposição imersiva A Biblioteca à Noite, em cartaz na nova unidade do Sesc Paulista, é, ou deveria ser, uma ode à literatura. Concebida pelo multartista canadense Robert Lepage e por sua companhia teatral Ex Machina, ela permite ao público conhecer por meio da realidade virtual dez bibliotecas. Munidos de óculos 3D, os visitantes podem tomar contato com bibliotecas como a do Congresso americano, em Washington, a do Parlamento de Ottawa, a da Abadia de Admont, na Áustria,

a de Vasconcelos, no México, ou a Sainte-Geneviève, de Paris. Num exercício imaginário, permite ainda entrar a bordo do célebre submarino Náutilus, de *Vinte Mil Légua Submarinas*, a obra clássica de Júlio Verne.

O cenógrafo Lepage, cuja primeira religião é o teatro, recebeu essa missão por sugestão do amigo e escritor argentino Alberto Manguel, autor do livro *A Biblioteca à Noite*. Em 1995, a Biblioteca e Arquivos Nacionais de Quebec, no Canadá, queria realizar uma exposição em torno dessa obra para comemorar seus dez anos. Manguel sugeriu que Lepage produzisse um espetáculo. Surgiu a exposição imersiva, que foi exibida na



O projeto de Robert Lepage leva a conhecer bibliotecas com óculos 3D

não tocar nas obras. Em seguida, o visitante entra em um espaço que reproduz uma floresta de livros suspensos e folhas deles ao chão, e se senta em cadeiras para vestir os óculos 3D. Perde-se, de vez, o cheiro do livro e a oportunidade de tocar as páginas das obras, mas ganha-se em uma experiência com informações sobre as transformações que as bibliotecas sofrem no mundo. "A pergunta é por que continuamos a construir bibliotecas se não precisamos mais delas. A resposta é que elas são locais espirituais", reflete Lepage. - EN

França no ano passado e agora chega ao Brasil.

Na exposição, a visita começa em um espaço que reproduz a luminar biblioteca particular de Manguel. Entre centenas de livros, a orientação é para

AS MELHORES ESTREIAS VOCÊ VÊ AQUI! CONFIRA AS PRINCIPAIS NOVIDADES DESSA SEMANA!



NITERÓI 15h40 · 18h20 · 20h50
SÃO PAULO 14h40 · 19h00 · 21h30



NITERÓI 14h00 · 16h00 · 20h00
SÃO PAULO 13h00 · 15h00 ·
17h00 · 19h00



NITERÓI 14h00 · 15h45 · 19h30
SÃO PAULO 13h30 · 17h35 · 19h20



SÃO PAULO 15h10 · 19h20

NITERÓI-RJ
AV. VISCONDE DO RIO
BRANCO 880 • 21 3604 1545

RESERVA
CULTURAL

SÃO PAULO
AVENIDA PAULISTA 900
11 3287 3529

CONFIRA NOSSA PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:
WWW.RESERVACULTURAL.COM.BR



C D s

DANCIN' DAYS OUTRA VEZ

MEDALHÕES DE OUTROS TEMPOS BICUDOS ENSAIAM ENFRENTAR
O BICHO-PAPÃO FASCISTA COM A VELHA DISCOTHÈQUE DOS ANOS 1970



CHIC

It's About Time. De Nile Rodgers & Chic. Virgin/EMI.

Nova-iorquino nascido no Bronx em 1952, Nile Rodgers tornou-se superstar em 1977, ao se estabelecer como um dos principais formuladores da onda hedonista que o planeta conheceria pelo nome de discothèque ou disco music. Criou o grupo-conceito Chic, influenciado visualmente pelo art rock da banda Roxy Music e musicalmente pelo funk, que simultaneamente diluiu e adensou em hits negros como *Everybody Dance* (1977), *Le Freak*, *I Want Your Love* (1978) e *Good Times*. A disco music dispersou-se na fumaça das modas e Rodgers seguiu trajetória solo marginal, enquanto se reinventava como produtor de momentos indeléveis do pop branco, como o *Let's Dance* (1983) de David Bowie e o *Like a Virgin* (1984) de Madonna. *It's About Time* retoma o nome Chic (agora Nile Rodgers & Chic) após um hiato de 26 anos e enfrenta o dilema insolúvel desde que a guerra entre o punk e a disco terminou empatada: é possível ressuscitar a euforia discothèque como ela reinou no fim dos anos 1970?

A resposta de Rodgers parece ser que não. Embora a capa de *It's About Time* invista numa mensagem de harmonia inter-racial que atualiza e intensifica a embalagem do primeiro Chic, de 1977, a sonoridade assemelha-se mais à empreitada *dance music* bem-sucedida anterior do produtor, quando se associou ao duo eletrônico francês Daft Punk no solar *Random Access Memories* (2013). A maior demonstração desse vínculo é a versão modernizada de *I Want Your Love*, levada em sociedade com os vocais loiros de Lady Gaga. No mais, o imaginário disco sobrevive em títulos como *Queen*, *Do You Wanna Party*, *Dance With Me* e *I Dance My Dance*, sempre eficazes, raramente brilhantes. *I Dance My Dance*, aliás, confirma a aliança negro-branca firmada por Rodgers e traz como cocompositoras uma herdeira Forbes e uma herdeira Lehmann. - Pedro Alexandre Sanches

CHER

Dancing Queen. De Cher. Warner.

Mais despojada tenta ser a diva pop californiana Cher, que aos 72 anos se converte em *disco queen* e dedica todo um álbum à revisão da obra kitsch do grupo sueco Abba, batizado de *Dancing Queen*, em referência ao hit da dupla de casais rock-pop-disco em 1976. Em outras encarnações, Cher já foi moçinha country-pop-folk da dupla-casal Sonny & Cher (entre 1965 e 1974), rainha cafona romântica, *Dark Lady*, diva trans à Gretchen, musa eletrônica de voz processada por vocoders. Os vocais computadorizados estão presentes em *Dancing Queen*, mas em geral Cher não faz senão reproduzir os arranjos e truques do Abba, sob produção de Benny Andersson, um dos mancebos originais do grupo masculino-feminino. A aventura entrega exatamente o que promete: versões divertidas e descompromissadas de pérolas europop como *Waterloo* (1974), *Mamma Mia* (1975), *Fernando* (1976), *Gimme! Gimme! Gimme! (A Man After Midnight)*, *Chiquitita* (1979), *The Winner Takes It All* (1980)... - PAS



GAL

A Pele do Futuro. De Gal Costa. Biscoito Fino.

O contexto transtorna-se em *A Pele do Futuro*, novo trabalho da tropicalista baiana Gal Costa, sob produção do pernambucano Pupillo, ex-integrante da Nação Zumbi, banda que criou o chamado manguebit nos anos 1990. A intérprete de 72 anos apostava também na discothèque como ingrediente principal de um caldeirão difícil de decifrar, em que cabem compositores jovens (Emicida, Silva, Tim Bernardes, Dani Black), colegas de geração (Gilberto Gil, Erasmo Carlos, Jorge Mautner, o soulman Hyldon) e intermediários (Djavan, Guilherme Arantes, Nando Reis, Adriana Calcanhotto, Moska). O ato de audácia, que caracteriza Gal desde *Divino, Maravilhoso* (1968), mora na simpática *Cuidando de Longe*, de que a jovem Marília Mendonça é coautora e vocalista convidada. A iniciativa resulta amorfia, à medida que Gal transforma a energia pop-sertaneja de Marília em... discothèque antiga e convencional. Alternando letras tristes e melodias alegres (e vice-versa), em várias combinações e em má forma vocal, cai na armadilha mais gasta, como sempre sob a tutela masculina de Caetano Veloso: o hedonismo isentão é a receita da Gal 2018, como se estivéssemos no tempo de *Odara* e *Tigresa* (1977). Ok, lá éramos ditadura já continuada e precisávamos espalhar, mas ainda não existia para nós o fatal Jair Bolsonaro. - PAS